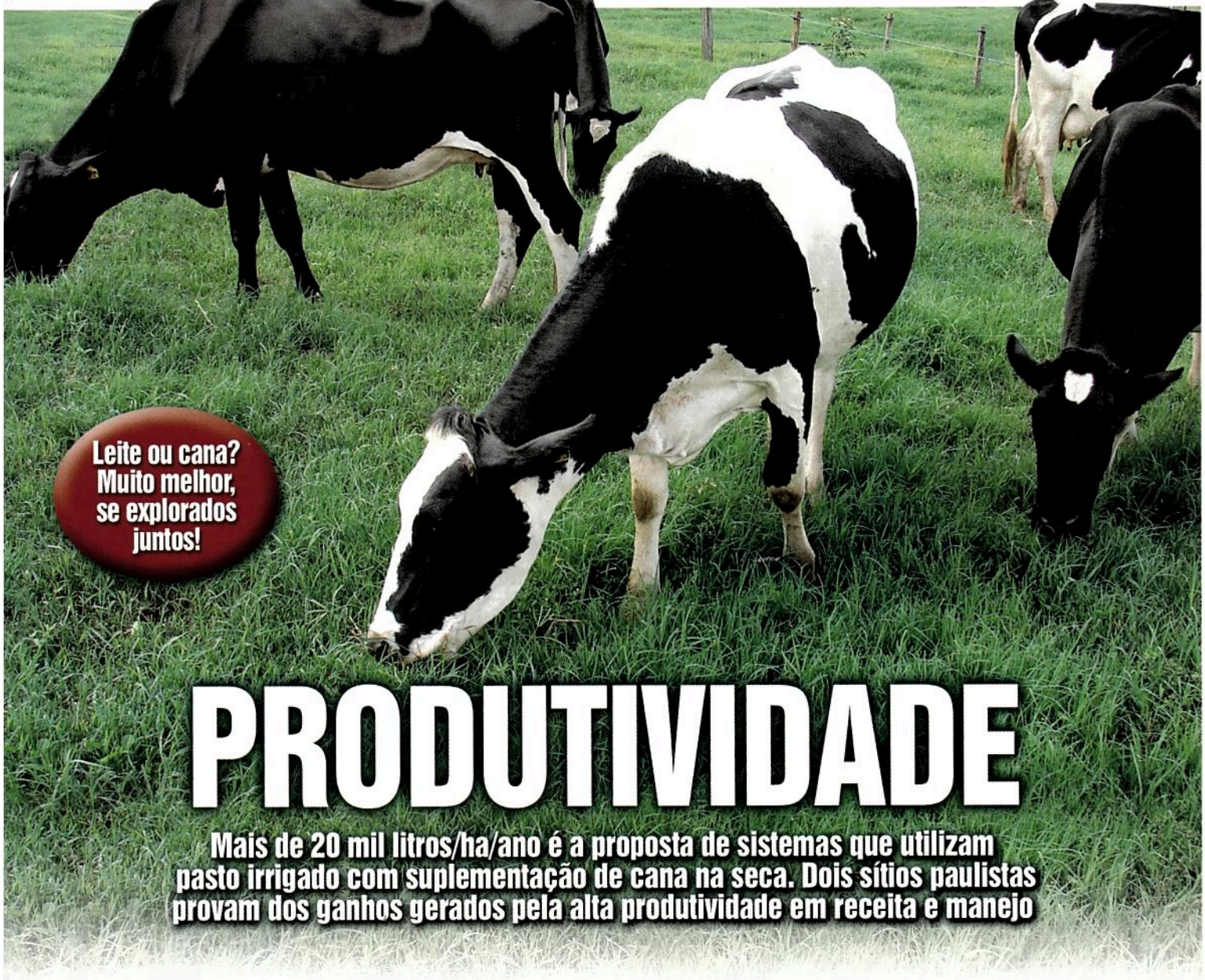
CCL

BALDE BRANCO

ENTREVISTA
MARCOS FAVA NEVES
e o potencial do Brasil para produzir leite, bioenergia e alimentos



Leite ou cana? Muito melhor, se explorados juntos!

PRODUTIVIDADE

Mais de 20 mil litros/ha/ano é a proposta de sistemas que utilizam pasto irrigado com suplementação de cana na seca. Dois sítios paulistas provam dos ganhos gerados pela alta produtividade em receita e manejo

Como fazer vacas rentáveis por mais tempo

Milheto é opção de forragem e cobertura de solo

Mourões com pneus: viável e ecológico

LEITE OU CANA? Muito melhor juntos

Especialistas concordam que, bem administrado, o leite pode dar ao produtor mais renda do que a cana. Provam isso fazendo as contas e ainda enfatizam: melhor mesmo é a parceria entre ambos

Mário Sérgio Wanderley

O cenário rural do interior brasileiro está passando por mudanças, devido à expansão da cultura da cana-de-açúcar. São várias as regiões onde tradicionais atividades têm cedido espaço para o negócio da agroenergia. Calcula-se que, somente no estado de São Paulo, os investimentos no setor de produção de cana-de-açúcar irão girar em torno de R$ 10 bilhões nos próximos cinco anos, com a construção de 39 usinas nas regiões noroeste e norte do Estado.

Esse tipo de investimento avança principalmente em áreas tradicionais de pecuária de leite e de corte, ocorrendo também em outros estados do Centro-Oeste e do Sul do País. Nesse panorama, produtores de leite das principais bacias sentem a chegada da cana como uma alternativa atraente pelo rendimento que ela oferece, seja em contratos de arrendamento e parceria agrícola, seja em plantio por conta própria.

Por isso, uma pergunta se repete aos quatro cantos: estaria o avanço da cana-de-açúcar colocando em risco o desenvolvimento da atividade leiteira nessas regiões? Para respondê-la e com o objetivo de "dar subsídios para que produtores e técnicos possam reestruturar suas atividades de forma a competir nesse novo cenário", o site Milkpoint promoveu o I Workshop Leite Competitivo: Como Competir com a Cana-de-Açúcar, nos dias 8 e 9 de fevereiro, em São José do Rio Preto-SP, reunindo cerca de 400 participantes.

Um dos primeiros especialistas no tema a abrir o evento, o zootecnista Christiano Nascif, consultor técnico do programa de desenvolvimento da pecuária leiteira e do projeto Educampo, do Sebrae Minas, cita que a perspectiva de crescimento da cultura canavieira é de 6,55% ao ano, enquanto a situação da pecuária de leite é de estabilidade, em curto prazo. Porém, ela enfrentará problemas de mercado, em longo prazo, devido ao baixo crescimento do PIB e ao insuficiente aumento da população, incluindo o seu envelhecimento proporcional.

"São fatores que interferem na ampliação do consumo de leite e derivados. Entretanto, acredito que o leite é extremamente competitivo, mas há forte resistência por parte da maioria dos produtores na aplicação de tecnologias que possam proporcionar maior eficiência", argumenta ele. Nascif diz

Fotos: M. S. Wanderley

Debate despertou interesse num púbico estimado em 400 pessoas

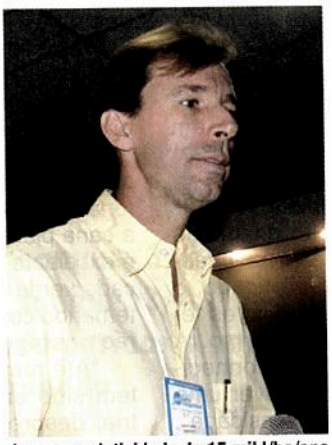
que o fator terra é importante demais, representando 70% do capital investido na atividade leiteira. Essa é a média observada em quase mil propriedades, estudadas pelo Educampo em várias regiões do Brasil e que vêm sendo monitoradas freqüentemente.

Leite é melhor com exploração eficiente - "Na verdade, o produtor está sentado em cima de um saco de dinheiro, pois a média de investimentos, de capital empatado nessas propriedades, é de R$ 449 mil, ou seja, uma pequena fortuna que deveria ser administrada para que seu dono obtenha retorno maior ou igual ao oferecido por outras opções de negócios", diz ele. Argumenta ainda que há uma correlação direta entre o aumento da eficiência no uso da terra, por intermédio de maior volume de leite por ha/ano e a melhor remuneração do capital investido em terras.

Nascif: tecnologia faz leite competitivo

Ao comparar a atratividade da cana com a do leite, os dados levantados demonstram que assim que o produtor de leite passa a ter um nível tecnológico médio, consegue obter margens brutas acima do pagamento oferecido pelos contratos de arrendamento de cana. Em valores, isso significa uma margem bruta que varia de R$ 300 a R$ 700 por ha/ano, no caso de contratos de arrendamento de cana; em torno de R$ 1.315 por ha/ano, nos plantios.

"Em qualquer propriedade leiteira bem administrada, em que a produção supere os 7 mil litros de leite/ha/ano, existe a certeza de que a margem bruta será maior que o arrendamento. E quando atingir os 9 mil litros/ha/ano, o que ocorre onde há um nível tecnológico mais alto, ela ultrapassa os ganhos obtidos até mesmo com o plantio de cana. Vejam só, existem propriedades com cerca de 20 mil litros/ha/ano. As 15% melhores dentre essas fazendas pesquisadas estão, em média, com 8,9 mil litros/ha/ano, conquistando margem bruta de R$ 1.544 por ha/ano", destaca.


Jones: produtividade de 15 mil l/ha/ano

Pensando nos produtores que transferem toda sua área pára a cana, o zootecnista alerta para o possível retorno futuro à pecuária, cujo custo de implantação está acima dos R$ 1 mil/ha, em cercas e formação de pastagens, retirando boa parte dos ganhos obtidos com a cana. Ele defende a intensificação da atividade leiteira em parte da área da propriedade, criando a possibilidade de usar a área excedente para a cana. "Deve haver uma busca por tecnologias de produção e de gerência, para otimizar os recursos da propriedade. Dessa forma, as duas atividades não devem ser vistas como excludentes, mas como complementares", diz.

Ganho conjunto em exploração combinada - No município de Fernandópolis-SP, a Fazenda São Pedro atua há muitos anos com ambas as atividades. Atualmente, há 753 ha de cana-de-açúcar e 377 ha para pastagens destinadas ao gado de leite. Ocorre, ainda, o uso de 200 ha para produção de silagem de milho e sorgo, nas áreas de reforma do canavial ou em área arrendada de terceiros. A produção média de leite, que, em 1999, era de 7.900 litros/dia, fechou 2005 em 14.200. Durante o workshop, o gerente da fazenda, o eng. agrícola Andrew Jones, mostrou que a produtividade alcançou mais de 15 mil litros/ha/ano, com 1.077 vacas em lactação.

"A meta é chegar às 1.200 vacas em lactação/dia, com média de 15 litros/vaca/dia, com produção de 18 mil litros/dia", diz. Outro índice zootécnico destacado por ele foi o da porcentagem de vacas em lactação no rebanho, que é de 85%, significando que há um lote significativo de animais produzindo leite, diminuindo o peso financeiro da manutenção de gado em recria. Para Jones, "a presença da cultura canavieira pressiona o produtor de leite na busca por maior eficiência, além de permitir parcerias com o uso de áreas de reforma, entre um ciclo e outro de plantio de cana, para a produção de alimentos para o rebanho".

Outro programa de assistência debatido durante o evento é o Projeto Balde Cheio, realizado desde 2001 pela Cati-Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, em convênio com a Embrapa Pecuária Sudeste. O diretor técnico do EDR-Escritório de Desen-

Ganhos com exportação

Ao analisar os efeitos do crescimento da agricultura voltada para a produção de agroenergia, no Brasil e no mundo, sobretudo, nos Estados Unidos, o eng. agrônomo e economista Alexandre Mendonça de Barros, da MBAgro, disse durante o workshop Cana *x* Leite, que "começa a ocorrer uma pressão muito forte de demanda de grãos, pois os americanos estão utilizando milho e soja para gerar biocombustível, o etanol, fato que já está causando mudanças na estrutura de preços do milho no mercado internacional".

Ele acredita que essa é uma mudança que veio para ficar, se tornando um fator que pode ampliar as chances de exportação de milho, soja, carnes e leite para o Brasil. "O custo de produção de carnes e leite no mundo tende a subir, bem como haverá perda de competitividade das exportações americanas de milho e frango", justifica. Barros considera que a pecuária brasileira consegue se adaptar facilmente a um cenário de alto custo dos grãos, pois nosso modelo é flexível, tirando vantagens tanto do pasto como dos concentrados formulados com grãos.

"Aqui, há uma integração entre pecuária e agricultura, inclusive, com a cultura da cana-de-açúcar, além de termos áreas de expansão de ambas, pois dos quase 400 milhões de ha disponíveis para produção, ocupamos apenas 50 milhões. Em vez de comparar, talvez, a melhor perspectiva seja olhar a cana-de-açúcar como uma possível parceira da produção leiteira e de renda do produtor", diz, lembrando que tal aspecto ganha peso quando se valoriza na produção leiteira o excelente fluxo de caixa que o sistema apresenta.

"Como a distância entre receita e despesa é mínima, é possível ajustar a produção às condições de preços relativos, equilibrando a relação entre preço do leite e preço dos insumos. Nesse quadro, os sistemas a pasto apresentam menor risco ante a variação do preço dos grãos", expõe Barros. Enquanto isso, o mercado do álcool e do açúcar é bastante volátil, influenciado também pela variação da taxa de câmbio.

volvimento Regional, de Catanduva-SP, o médico veterinário Carlos Pagani Neto, apresentou alguns exemplos de produtores participantes, em cujas propriedades está havendo uma transformação radical na forma de produzir leite. O resultado econômico-financeiro mostra que o leite se torna mais rentável do que a cana-de-açúcar, desde que seja produzido de maneira técnica e administrado profissionalmente.

Segundo Pagani, o projeto parte do princípio de que as áreas destinadas ao leite devem ser pequenas, de início, para servirem de treinamento para posterior crescimento. "A proposta, desde o início, é de se produzir leite com o mínimo de custos. Em todas elas, ocorre o uso intensivo de pastagens, na maioria, com o acréscimo da irrigação, para proporcionar elevados índices zootécnicos e de produtividade", informa, citando que na época da seca, o pastejo de inverno consegue até colocar 6 UA/ha.

Novo: profissionalismo na comparação

Para o palestrante André Luiz Monteiro Novo, pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, a competição do leite com outras atividades rurais, como a cana-de-açúcar, está exigindo maior postura profissional dos produtores, que passaram a ter uma visão mais ampla do negócio que possuem. Mesmo assim, Monteiro Novo cita que prevalece um desequilíbrio entre capital investido e renda obtida na atividade, principalmente pela falta de dimensionamento de instalações e máquinas, do uso inadequado da terra, existência de rebanhos improdutivos e gastos em bens não produtivos.

Preço do leite não é o grande problema - "Há ainda o conceito distorcido de tecnologia, de que ela seria investimento em maquinário sofisticado, o que faz com que muitos produtores tenham até mesmo medo do termo. A tecnologia, na verdade, é o conhecimento aplicado para desenvolver uma solução para uma nova necessidade", define, enfatizando que o que garante o sucesso de um sistema bem estruturado de produção leiteira são os recursos humanos, formados por pessoas motivadas e que tenham objetivos claros e bem planejados.

"Quem utiliza tecnologias produtivas percebe que o problema da pecuária leiteira não é o preço do produto", cita Monteiro Novo. Ele apresenta um modelo ideal de produção leiteira que pode chegar aos 70 mil litros/ha/ano, desde que haja lotação de verão com 15 UA/ha e de inverno com 5 UA/ha, números já alcançados por diversos produtores do Projeto Balde Cheio. Nesse modelo, as vacas devem produzir média de 18 litros/dia, patamar também atingido em várias propriedades leiteiras.

E finaliza, fazendo uma conta que não deixa dúvidas sobre o comparativo cana *x* leite: "Uma produtividade de 1.500 litros/ha/ano, mesmo com preço elevado, de R$ 0,60 por litro, e lucro de 40% do faturamento, vai proporcionar apenas R$ 360/ha/ano; enquanto para uma produtividade de 30 mil litros/ha/ano, que já é realidade para muitas fazendas, e o preço de R$ 0,40, considerado baixo, com lucro de 20% sobre o faturamento, vai proporcionar lucro de R$ 2.400/ha/ano, três a quatro vezes mais que a maioria dos contratos de arrendamento de cana".

Ao fechar a pauta de debates, o professor Luiz Gustavo Nussio, da Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, lembrou que "mesmo que se deixe de fazer comparativos entre cana e leite, a discussão vai deixar uma conseqüência benéfica para a pecuária, pela melhoria dos índices zootécnicos das propriedades, pressionadas pela competição com outra cultura agrícola, a maior oportunidade histórica da pecuária".

Também para ele, a política conciliatória entre as duas atividades seria a melhor opção, pois a pecuária leiteira pode se favorecer com a cana produzida pelas usinas de álcool e açúcar. "Essas empresas sabem produzir cana, com tonelagem duas ou três vezes maior que a cana plantada pelos produtores, e ela é excelente alimento para o inverno, picada verde ou na forma de silagem, alternando com o pastejo intensivo de verão", assegura Nussio.

"Até mesmo a ponta da cana, que tem sido um problema para a indústria, desprezada na colheita, pode se tornar um subproduto interessante para o produtor de leite", lembra ele. Isso viria a se juntar com o bagaço, o melaço e a levedura, subprodutos já utilizados em muitas propriedades de pecuária. Além disso, existe a chance do plantio de cereais e oleaginosas nas áreas de reforma dos canaviais. "Uma vantajosa política de integração", arremata. ■